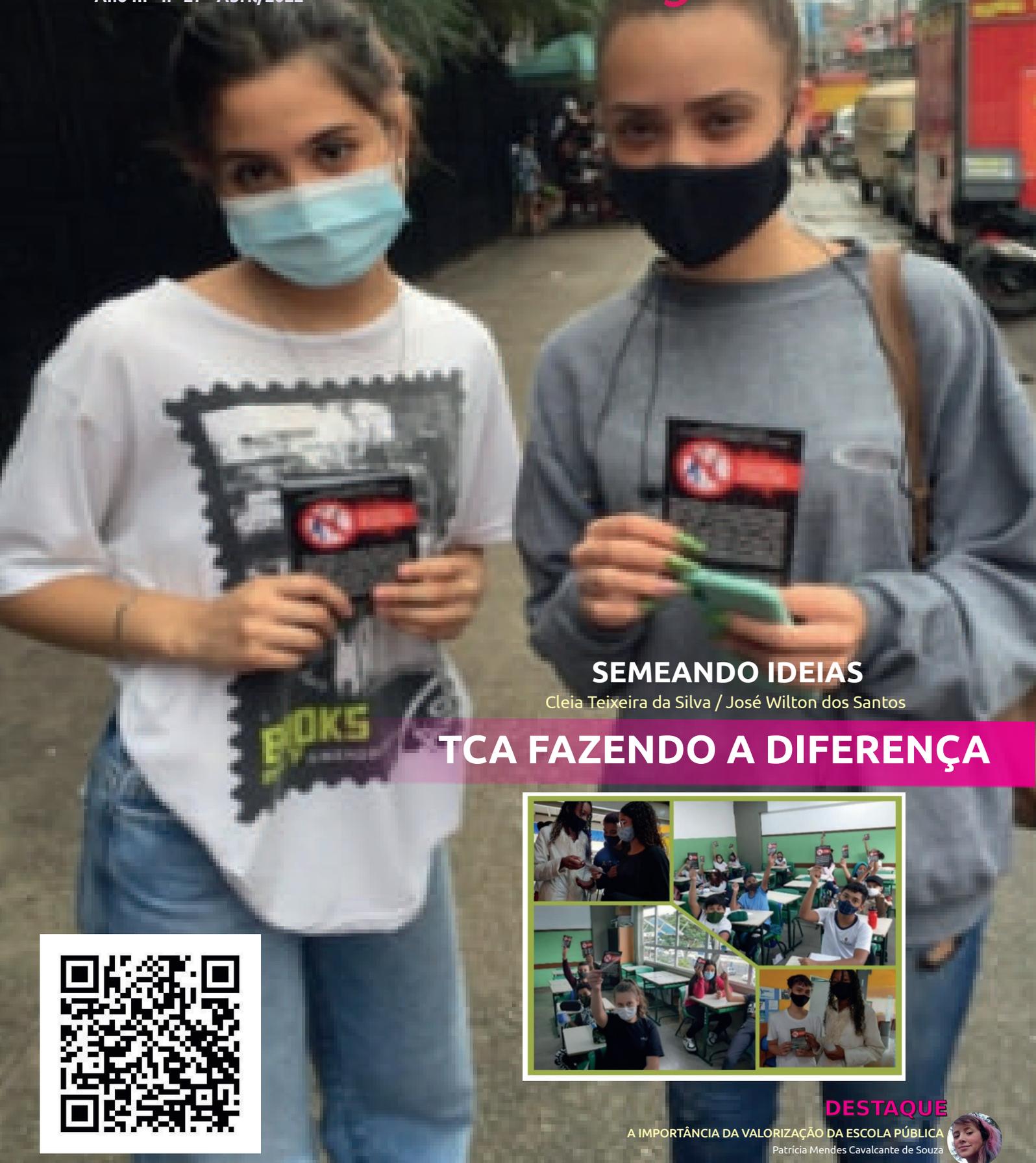


Revista **a**

EVOLUÇÃO

Ano III - nº 27 - Abril/2022

ISSN 2675-2573



SEMEANDO IDEIAS

Cleia Teixeira da Silva / José Wilton dos Santos

TCA FAZENDO A DIFERENÇA



DESTAQUE

A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 27 - Abril de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Alexandre Passos Bitencourt

Andréia Fernandes de Souza

Isac dos Santos Pereira

Vilma Maria da Silva

Organização:

Vilma Maria da Silva

Colunistas: Cleia Teixeira da Silva / Isac dos Santos Pereira / José Wilton dos Santos

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Alecina do Nascimento Santos

Andreia Ferreira de Melo Faria

Fabiana Lemes da Silva

Ivan Aparecido da Silva

Maurina Pereira Coelho

Mônica Iara Marsura

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Quitéria Maria da Silva Barros

Simoni Alves Pereira Almeida

Tamires Aparecida Silva dos Santos

Tânia de Jesus Alves

Tatiana Lima Passos

Vilma Maximiano Vieira

Viviane de Cássia Araujo



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.27>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 27 (abr. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

106 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Denise Mak
Isac dos Santos Pereira
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
https://primeiraevolucao.com.br
São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com
Luanda - Angola

Imagens, fotos, vetores etc:

https://publicdomainvectors.org/
https://pixabay.com
https://br.freepik.com

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições **Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^ª. Dra. Andréia Fernandes de Souza

COLUNAS

6 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac dos Santos Pereira

10 **Semeando Ideias**

Cleia Teixeira da Silva Oliveira / José Wilton dos Santos



ARTIGOS

- | | |
|--|----|
| 1. ALGUMAS PREOCUPAÇÕES COM O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM
Alecina do Nascimento Santos | 19 |
| 2. A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Andreia Ferreira de Melo Faria | 27 |
| 3. AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM
Fabiana Lemes da Silva | 33 |
| 4. JOGOS E DOBRADURAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA
Ivan Aparecido da Silva | 39 |
| 5. A PSICOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA AVALIAÇÃO ESCOLAR
Maurina Pereira Coelho | 45 |
| 6. O TAI CHI PAI LIN COMO INICIATIVA FILOSÓFICA
Mônica Lara Marsura | 51 |
| ★ 7. A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza | 57 |
| 8. A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Quitéria Maria da Silva Barros | 65 |
| 9. O TDAH NO CONTEXTO ESCOLAR
Simoni Alves Pereira Almeida | 69 |
| 10. A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Tamires Aparecida Silva dos Santos | 75 |
| 11. O BRINCAR HEURÍSTICO, AS CRIANÇAS E AS MATERIALIDADES
Tânia de Jesus Alves | 83 |
| 12. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Tatiana Lima Passos | 89 |
| 13. RESPEITO PELO RITMO, AQUISIÇÕES E APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS
Vilma Maximiano Vieira | 93 |
| 14. O PLANEJAMENTO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Viviane de Cássia Araujo | 97 |

A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA

PATRICIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA

RESUMO: Este artigo teve como objetivo compreender as principais críticas a respeito da escola pública e seus desdobramentos sociais, tais como a criação de uma narrativa que pode vir a prejudicar os educandos provenientes do ensino público no âmbito psicológico e social. Também procurou entender os pontos relevantes da educação particular, principalmente no que concerne a problemas e conflitos de interesse, embora a sociedade tenha uma visão menos aprofundada e algumas pessoas definam prontamente, sem grandes análises, que a educação paga é de mais qualidade, quando, na verdade, a questão é profunda, complexa e necessita de muita análise. Segundo os levantamentos feitos no artigo, podemos perceber que a educação pública não tem a priori menos qualidade que a privada, a que se estudar e entender diversos modelos e situações para promover uma opinião sobre a qualidade do ensino. Há consenso entre educadores de que é urgente a valorização da educação e de seus profissionais, pois para que o país tenha um projeto de futuro bem-sucedido a todos, a educação deve estar em primeiro lugar.

Palavras-chave: Educação. Democratização. Formação. Políticas públicas. Reconhecimento.

INTRODUÇÃO

A escola pública é realmente lugar de um ensino precário ou está é uma falácia do neoliberalismo? Não existe um conflito de interesses na escola particular, como democratizar ideias e conteúdos de forma o mais neutra possível se tem um dono com ideologia própria gerindo o negócio? Como algo que visa o lucro pode colocar a criança em primeiro lugar? Talvez a melhor saída seja uma educação democrática e oferecida a todos, pelo Estado.

É importante problematizar a imagem da escola pública frente a escola particular, atribuindo o valor que a escola pública merece e defendendo que a educação deveria ser oferecida pelo Estado, visando a proteção da infância e seus desdobramentos na fase adulta.

Entender o que aconteceu com a escola pública e sua imagem precarizada frente a sociedade, não só analisando o seu real desmonte, mas também a sua beleza e potencial de construir uma sociedade melhor, visando um estudo histórico-filosófico é de suma importância nos dias atuais.

Analisar toda a trajetória da escola no Brasil e a criação da escola pública e particular e compreender o porquê da escola pública ter ficado com sua imagem tão manchada e ter sido tão atacada ao longo dos anos deve ser a estratégia dos nossos pensadores da educação neste momento tão sensível para educação do país, que tem sido atacada de todas as formas, pois no governo vigente, até mesmo as grandes universidades públicas foram chamadas de locais de balbúrdia.

Entender que uma educação de qualidade onde os interesses da criança e adolescente estariam em primeiro lugar só poderia vir da educação pública gratuita, em que o foco é o pleno desenvolvimento da criança e não uma lógica neoliberal de obtenção de lucro frente a escola particular, bem como uma corrida de qual criança obterá as melhores vagas de emprego no futuro.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PROBLEMÁTICA DO DESMONTE DA ESCOLA PÚBLICA E INTENÇÃO DE *VOUCHERIZAÇÃO* DA EDUCAÇÃO

A escola pública aceita a todos, nela é possível ver todo o recorte social. A escola pública não visa lucro, o interesse é a formação de cidadãos e a valorização da infância.

Na escola pública a criança é, na escola particular ela será, ou seja, na pública a criança é vista como um sujeito histórico, na particular ela é um sujeito que está se preparando para o futuro, para o mercado de trabalho.

Por que quando avaliamos e comparamos o fazer pedagógico, social e histórico entendemos que somente a educação pública pode atender às necessidades sociais do nosso tempo e mesmo assim, a escola pública é amplamente atacada e deturpada, enquanto a iniciativa privada vem vorazmente tomando este espaço. Quem será o grande beneficiário desta empreitada? A criança ou ao capital?

É amplamente difundida a imagem de que a escola pública está falida, que o ensino oferecido por ela é fraco e que para que a criança tenha um futuro “melhor” ela precisa que toda a sua família e muitas vezes sua infância seja sacrificada para a manutenção de um colégio particular.

Como isso ocorreu, a imagem que a população tem da escola pública? É justa a avaliação social da escola pública frente a realidade?

Qual o caminho que devemos percorrer para resgatar a importância da valorização do ensino público e atingir um real nível de qualidade.

Um recorte social importante que encontramos na escola pública é a diversidade. Estamos em um mundo globalizado, extremamente diverso, que segue tentando manter padrões, tendências e comportamentos esperados de todos, mesmo que para isso precise calar muitos.

Qual é o futuro de uma sociedade menos adoecida e mais apta a conviver melhor com seus pares e com o meio ambiente natural que a cerca? É importante conhecer e aceitar que existe o diferente, e que o diferente não é um inimigo, mas sim alguém que pode complementar o meu ser, nem todos sabemos tudo, o ser humano é um ser gregário, precisamos uns dos outros para o bem viver. Sendo assim, verificamos que só a convivência com o diferente pode trazer os benefícios que precisamos para uma sociedade mais justa, em que haja mais dialogicidade. Como já evidenciava Freire em *Pedagogia do Oprimido*.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis (...) Se, de fato, não é possível entendê-los fora de suas relações dialéticas com o mundo, se estas existem independentemente de se eles as percebem, é verdade também, que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebem no mundo. (FREIRE, 2005. p. 79- 82)

E como conseguir este grande feito? Como conseguir que o ser humano aceite o diferente dele e que ainda permaneça mantendo sua individualidade, alcançar uma homogeneidade no campo da justiça social e uma heterogeneidade no campo individual, em que possa manter sua trajetória cultural protegida e sua individualidade e agregar direitos a todos?

A defesa de uma escola pública de qualidade vem sendo defendida por diversos educadores ao longo do tempo, Anísio Teixeira, Nísia Floresta, Paulo Freire, dentre outros, mas para algumas pessoas essas defesas se traduzem em, olha só, até eles acham a escola pública ruim, quando, na verdade, quer dizer, a educação pública de qualidade precisa de investimento público e valorização social, como disse Paulo Freire, “é urgente que engossemos as fileiras da luta pela escola pública neste país. Escola pública e popular, eficaz, democrática e alegre com suas professoras e professores bem pagos, bem formados e permanentemente formando-se. Com salários em distância nunca mais astronômica, como hoje, frente aos de presidentes e diretores de estatais.”

Parece, no mínimo, utópico, mas somente por meio da escola pública é que este grande feito pode ser atingido, onde crianças ricas, pobres, brancas, pretas, amarelas e vermelhas, podem transitar juntas, em que haja católicos, protestantes, umbandistas, muçulmanos, brasileiros, estrangeiros, expatriados e refugiados, e que estas crianças possam ter algum tipo de deficiências física ou psicológica e, não só sejam aceitas e vistas como crianças “normais”, mas também que possam “ensinar” as demais crianças que é possível viver com algumas aparentes dificuldades, mas que essas dificuldades podem ser contornadas e que outras competências podem ser desenvolvidas. Como podemos verificar em Pucci (1997), a educação dentro de bolhas propaga a uma cultura excludente, tirando da criança a possibilidade de trocas e ampliação da visão de mundo, fortalecendo a dominação das estruturas de poder.

A formação cultural vai perdendo a energia que lhe dava a vida, que a locupletava, passa a ser entendida como configuração da vida real e destaca unidimensionalmente o momento da adaptação. Absolutiza-se sua outra dimensão. O véu da integração encobre as possibilidades de manifestações da autonomia do sujeito, impedindo que os homens se eduquem uns aos outros, dificultando-lhes a compreensão crítica da vida real, favorecendo manifestações irracionais. A consciência da massa, “formada” por bens “culturais” neutralizados e petrificados, é levada a

desenvolver valores de consumo imediatos, mantendo distância em relação às reais criações artísticas, excluída do privilégio da cultura. (p. 91)

Por que as escolas precisam ser públicas? O desenvolvimento de uma criança, jovem ou adulto, jamais poderia ser regido pelo viés monetário, pois neste há outros interesses que competem apenas ao capital e não as pessoas.

Vamos pensar nas escolas particulares que são regidas por nichos, por exemplo, escolas protestantes, escolas católicas, escolas militares, escolas alemãs, escolas burguesas, nessas escolas existe uma bolha social em que a criança é inserida em um contexto não condizente com a realidade do mundo. Que espaço é esse que essas crianças estão conhecendo sobre o mundo e seus pares? Elas estão olhando no espelho ou estão tendo a oportunidade de conhecer e ver o mundo com todo seu potencial criativo e de diversidade? É justo que sua família insira esta criança em uma bolha social e a impeça de conhecer todas as diferentes culturas e formas de viver? Elas estão tendo a oportunidade de questionar suas visões de mundo, de terem conflitos ao analisar o pensamento do seu colega comparativamente ao da sua família. Elas têm a oportunidade de dialogar com diferentes culturas e ampliar sua visão de mundo de modo que possam conviver melhor com as diferenças, bem como respeitar sua própria individualidade, ao invés de estar no ambiente completamente homogêneo.

Vamos falar um pouco da escola pública e de todos os ataques que ela tem sofrido. Muitos falam que a escola pública é sucateada, que os professores são desqualificados e que a escola pública é de má qualidade, mas essa não é a realidade dos fatos. Comparativamente uma escola pública de um bairro de classe média baixa com uma escola particular do mesmo bairro, em que uma mensalidade custa em média de seiscentos a mil reais, a escola pública certamente poderá proporcionar mais qualidade do que a escola particular da mesma vizinhança. Por que isso acontece? A escola particular é regida pelo lucro, existe um investidor, um empreendedor, o dono da escola que precisa lucrar com o negócio dele e para isso, para que ela consiga obter lucro dentro de uma vizinhança que não é abastada, ele precisa cobrar uma mensalidade com valor razoável, para que essa família consiga pagar, mesmo que para isso esta família deixe de fornecer ao filho experiências de cultura e lazer de qualidade, alimentação de qualidade e tempo de qualidade, para conseguir pagar a mensalidade, colocando a sua criança em uma pequena bolha burguesa a um custo alto para a criança e a família. A escola pública deve ser vista e apropriada como bem de todos, assim deve ser cuidada e protegida pela sociedade:

Tornou-se senso comum afirmar que o espaço público indica tudo aquilo que pertencente ao Estado e como privado aquilo pertencente à sociedade civil, ao cidadão comum. Em linhas gerais, a palavra “público” pode ser definida (...) De um lado, “público” como oposição do “privado”, e se faz sinônimo do patrimônio comum, daquilo que não pode ser objeto da apropriação de poucos. (GOMES, 2008, p.1)

Já a escola particular, para que possa lucrar e viver deste negócio, o empreendedor precisa arrecadar as mensalidades e pagar todos os custos com a escola, ou seja, o prédio, o espaço, materiais e funcionários. Ele necessitará investir o mínimo necessário, para que no fim do mês possa sobrar rendimento suficiente para que ele possa viver e talvez ampliar o seu negócio. O interesse da escola particular é manter uma lógica capitalista e não está focada no desenvolvimento pleno da criança, haja vista não é possível contratar um professor que consiga ter um salário razoável para continuar os seus estudos, ter tempo de lazer, de ampliar os seus conhecimentos culturais, pois esse professor geralmente trabalha em tempo integral e provavelmente ganhará o piso da categoria, que é bem aquém da necessidade deste professor. “Percebe-se que o professor, ao longo da história do magistério, passou de centro da Pedagogia, a apêndice” (ARROYO, 2000, p.10).

Além disso, para esse empreendedor conseguir lucrar com esse negócio, ele não pode pagar um aluguel caro ou mesmo comprar um imóvel caro, pois ficaria inviável financeiramente manter o negócio, não gerando o lucro necessário. Sendo assim, essas escolas particulares, geralmente, são ambientes extremamente restritos onde não há espaço para que a criança possa correr livremente, com área verde, brincar e se desenvolver físico, motor e psicologicamente de forma plena, então ela acaba passando muitas horas em sua mesa e cadeira, dentro da sala de aula. Uma escola particular que consiga fornecer tudo isso, geralmente é uma escola de alto padrão, atendendo uma pequena elite social.

Sendo assim é só por meio da escola pública, financiada pelo Estado, que é possível termos educação de qualidade para todos, abarcando todas as suas diferenças sociais e culturais, em que o pleno desenvolvimento da criança é o foco principal e não o lucro, em que a criança é vista como um ser de direitos e não como cliente, que há espaço para brincar e correr livremente.

Existem histórias muito tristes sobre o prejuízo psicológico de crianças dentro de escolas particulares, mesmo aquelas de alto padrão, em que o mais importante é atender os interesses do capital. Um exemplo que foi dado por uma psicóloga em uma palestra da casa do Saber foi o seguinte: ela atendeu uma família de uma escola de elite de São Paulo, em que a família relata que a menina sofria bullying de um grupo de colegas da sala, porém alguns desses colegas eram de famílias influentes, ricas e muito respeitada pela escola e jamais foram advertidos, assim o bullying se manteve por muito tempo, sendo avaliado pela escola como “brincadeira de criança”, claramente a escola não queria quebrar a relação com essas famílias influentes, pois o relacionamento entre as partes era regido pela lógica de mercado e não pelas questões de proteção da infância e bem-estar da criança.

Além de todo o sofrimento cotidiano da criança que sofria o bullying, ela desenvolveu alguns problemas psicológicos, em razão das situações vivenciadas, como, por exemplo, uma vergonha muito grande do seu corpo, o que a levou a desenvolver sérios problemas de bulimia, e mesmo após tudo isso, a família não conseguiu trocá-la de período, da tarde para a manhã, pois segundo a escola não havia vaga no outro período. Esse é o tipo de proteção que esperamos para as crianças? Sejam elas ricas ou pobres, elas precisam estar protegidas, existem leis que regem a proteção das crianças, elas não são propriedades de suas famílias e nem dessas instituições de ensino.

Veja só a problemática da escola quando o que rege os seus princípios e lógica de funcionamento são as lógicas de mercado e não as leis regras e normas de proteção à infância.

Parece algo romantizado, mas toda criança é muito valiosa para a sociedade, ela é o futuro e é por meio dela que podemos ou não ter um mundo melhor, com lógicas mais justas de funcionamento social, por essa razão a escola é uma instituição que apesar dos muitos defeitos, deformidades e anomalias, é a instituição que possui um potencial de proporcionar uma infância valorizada em sua plenitude, em que ela pode ter ampliada a sua visão de mundo de si e do outro e apenas quando a escola é regida pelos direitos e proteção da infância é que ela pode atingir esse objetivo com propriedade.

Outra questão bastante importante sobre a lógica de mercado, a luz da escola, é a questão das diferenças sociais, ou seja, uma criança que estudou em um colégio de alto padrão, desde muito pequena, desde o seu início escolar e presta vestibular em universidade pública concorrendo com um aluno que estudou toda a sua vida na escola pública, possivelmente ocorrerá uma concorrência desleal onde não há equidade, ou seja, mantém-se a lógica da meritocracia, em que todos podem ter acesso, mas somente alguns conseguirão ascender na pirâmide social, haja vista o aluno da escola particular de alto padrão, passou a sua vida escolar inteira sendo preparado para o momento do vestibular, enquanto na escola pública essa criança vivenciou diversos tipos de conhecimento, bem como dificuldades e conflitos, sua experiência foi mais diversa, focada no pleno desenvolvimento da pessoa humana. A pergunta é, é justo para a criança da escola particular passar sua infância sendo preparada para o dia do vestibular? e é justo para a criança da escola pública esta concorrência tão desleal?

O Estado deveria proporcionar escolas de qualidade para todos, que privilegiasse a criança e seu pleno desenvolvimento. Estas escolas são totalmente possíveis para o Estado, apesar de sabermos de toda a questão de sucateamento da educação pública, ainda assim comparativamente a uma escola particular de pequeno porte, os professores de uma escola pública tem mais oportunidades de estarem melhor preparados, do que os da escola particular de pequeno porte, não porque os da escola particular não tenham capacidade, mas por que eles não tem tempo garantido de formação contínua, e, muitas vezes, nem dinheiro para investir no seu conhecimento. Enquanto na escola pública existe o momento em que esses professores são formados constantemente e estão sempre vivenciando momentos de reflexão sobre a sua prática pedagógica, algo que é levado bastante a sério na escola pública. Além disso, o professor da escola pública pode ser franco e transparente nos seus ideais e debater diferentes visões de mundo, seja com a coordenação pedagógica ou com a direção, sem medo de que possa ser desligado da empresa, ou seja, o professor, principalmente aquele que realiza uma educação de qualidade, que respeita a criança, o jovem e o adulto em sua plenitude, pode lutar por este ideal na escola pública, sem medo ou receio de enfrentar o sistema, em defesa de uma educação mais humanitária.

O professor da escola particular precisa obedecer ao pensamento do empreendedor, quando este entende que questões de gênero, questões de raça, de etnia, de diferença religiosa ou qualquer outra diversidade não seja importante e não necessita ser tratada, esse professor, bem como as crianças, não terão contato com a realidade do mundo. Um exemplo real disso, uma escola particular conceituada, em um bairro de classe média baixa, na cidade de São Paulo, ensinava no ano de 2019 para as crianças da educação infantil, que o lápis cor de rosa claro chamava-se lápis cor de pele, uma mãe tentando ensinar para seu filho, em casa, que aquele lápis se chamava lápis cor de rosa claro, pois existem infinitas cores de pele, precisou ir até à escola conversar com a coordenação pedagógica e a direção, que no caso

era dona da escola, sobre o conflito que estava vivenciando em sua casa, tentando ensinar para sua criança o que é certo: entender as diferenças pertinentes a raça e cor e que a cor branca não é a cor de pele prevalecente na sociedade, infelizmente esta família ouviu da dona da escola que sempre foi falado assim e sempre foi ensinado assim e que não havia nenhum problema nisso, ou seja, eu sou a dona da escola e sou eu quem define as regras, toda uma gama de crianças ainda estão sendo ensinadas erroneamente no processo de retrocesso na grave questão do racismo estrutural. Conforme Vygotsky precisamos “trabalhar com a importância do meio cultural e das relações entre indivíduos na definição de percurso de desenvolvimento da pessoa humana, e não propor uma pedagogia diretiva, autoritária” (OLIVEIRA, 2010 a, p.65).

Atualmente vivemos em um momento econômico onde o neoliberalismo tenta desmontar todos os órgãos públicos com a falácia de que apenas um empreendedor privado pode fazer uma boa administração. É muito falado que se os órgãos públicos fossem todos privatizados funcionariam muito melhor, esta falácia é dita a todo momento tanto por políticos quanto pelo povo, existe uma demonização do funcionalismo público, em que estes são tidos como folgados, trabalham pouco e ganham muito ou não querem trabalhar, além de serem incompetentes, quando, na verdade, esta é uma grande mentira vendida pela lógica capitalista, pois muitos funcionários públicos trabalham em ambientes precarizados.

Outra lógica da escola pública, comparativamente a escola particular é que a criança da escola particular precisa manter a lógica de produção da sociedade capitalista o tempo inteiro, com metas, provas, campeonatos, até os bebês e crianças bem pequenas, de uma escola particular, estão o tempo todo sendo expostas a práticas tais como carimbo de suas mãos, fotos e filmagens de momentos estáticos, montados para alimentar a necessidade de produção de seus pais, em que a escola apresenta aprendizados e vivências que não são integrais, enviam uma infinidade de materiais e produções das crianças, para casa das famílias, numa lógica de produção capitalista, a criança chega em sua casa com sua mãozinha carimbada em um papel, representando uma flor, um sol, um animalzinho, em que a professora pintou a mão desta criança, colocou no papel, fez toda a colagem, produziu aquela atividade e entregou para a família como se fosse uma atividade realizada plenamente pela criança, quando, na verdade, a criança nem se deu conta do que estava acontecendo, só foi usada de carimbo, ela não teve praticamente nenhuma interação naquela atividade e nem entendimento do porquê e como, ou seja, mantém-se a lógica capitalista de produção a todo custo, sem reflexão sobre a prática.

Já na escola pública toda atividade que é feita com as crianças e bebês desde tenra idade são sempre reflexivas ou deveriam ser, existe uma prática que é de respeito a criança, de que ela pode produzir sim, atividades materiais, arte, porém essa produção precisa ter sentido para a criança e não ser uma produção que alegrará seus pais, precisa ter sentido para criança dentro do seu contexto de entendimento do mundo e de si. Este é um dos parâmetros que regem a escola pública, infelizmente muitos pais da escola pública, por viverem também nesta lógica capitalista, criticam a falta de produção de atividades dos seus filhos, pois comparam com vizinho que estuda na escola particular e no final do ciclo, do bimestre, do semestre ou do ano, leva para sua casa uma gama de atividades dos seus filhos, porém estas atividades não fizeram nenhum sentido para essas crianças, não há prática reflexiva nem da escola e nem da criança, mas os pais estão felizes com o montante de atividades que estão levando para suas casas.

Segundo Nóvoa (2007) atualmente há uma perda social proveniente da escola, será este problema devido à escola pública? Ou seria devido ao apelo neoliberal das escolas particulares e, conseqüentemente, sua pressão por entregas também na escola pública?

[...] as crianças aprendem pouco, a estudar e a trabalhar. É um problema que se pode verificar nos países do sul da Europa, nas escolas portuguesas, italianas, gregas, em parte das francesas, e também nos países da América do Sul, diferentemente do que se vê nos países do norte da Europa, cujas escolas estão bastante focadas na aprendizagem do estudo, do trabalho, do trabalho autônomo, em grupo, no trabalho cooperativo. É central dispormos dessas ferramentas, principalmente quando se discute a importância da aprendizagem por toda a vida. (NÓVOA, 2007, p. 14)

Além disso, na escola particular espera-se que a criança no dia do índio seja vestida de índio, pintada de índio, que no dia da árvore ela vá com adereços relativos a este dia, que no dia da independência do Brasil ela pinte a bandeira, etc., ou seja, mantém-se a mesma lógica de produção e de superficialidade da sociedade neoliberal, já na escola pública no dia do índio geralmente segue a premissa que de é um dia para reflexão, tentando abordar todo o contexto e problematizar a trajetória dos povos originários brasileiros, dos indígenas.

No dia da consciência negra a escola particular, muitas vezes, nem se dá conta dessa data, pois não há crianças negras estudando nessa escola, já na escola pública esse é um dia de grande importância, pois nela existem muitas crianças negras, sendo um dia de muita reflexão e de muitos aprendizados. Na escola pública há constante reflexão sobre a prática, as urgências do mundo demandam mudança, sejam elas sociais ou econômicas, essas reflexões costumam agregar a todos, conforme Paulo Freire enfatizava:

Práxis, que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. Com efeito, enquanto atividade animal, realizada sem práxis, não implica criação, a transformação exercida pelos homens a implica. (FREIRE, 2005, p. 106)

Sendo assim só uma escola pública, onde a gestão é democrática, dentro dos limites possíveis para isso, em que os professores têm lugar de fala e voz, em que as famílias podem participar do conselho e terem o seu lugar de fala e escuta, em que as crianças são diferentes e todas acolhidas de maneira que haja um recorte social mais realista e que essas crianças possam aprender a conviver com as diferenças e aprender com elas. Este é um mundo mais justo, mais adequado e que trará um resultado mais positivo para a sociedade, apesar de toda a problemática que a escola pública ainda vive, de todo seu sucateamento, é apenas com ensino público que podemos atingir um nível de igualdade e equidade social, acarretando um mundo melhor para todos. Inclusive a LDB coloca sobre a importância da formação para a cidadania.

A escola como ato social foi evidenciada pelo pedagogo Émile Durkheim (ALPERT, 1945), que defendia a postura social que a escola e a educação em si, devem ter.

Existe mais uma questão voltada para a falácia de que a escola pública é inferior a particular, criando uma falsa impressão de que por que é pago, é melhor, quando na realidade a situação é muito mais complexa que isso. Há quem interessa esta imagem negativa a respeito da escola? será uma criação neoliberal? ou é proveniente de uma sociedade que não obteve uma educação realmente reflexiva, que consiga tirar conclusões menos superficiais como essa?

A imagem de que a escola pública é inferior, tem um reflexo nas famílias, nas crianças e jovens que estudam nestas escolas, de que eles são menos capazes, de que eles estão perdendo algo muito valioso e que não conseguirão atingir os níveis de excelência do aluno da escola particular, contribuindo para que isso realmente ocorra, haja vista o potencial psicológico, autoimagem e autoestima dessa criança e adolescente ficarão comprometidos diante de uma impressão de que eles são menos inteligentes ou tem menos acesso a uma educação de qualidade, fazendo abandonar sonhos, desejos e vontades e dando espaço para que os seus pares que estão em escolas particulares, tenham sua autoestima e esperança no futuro bem maiores.

Faz se urgente uma defesa da escola pública, são inúmeros ataques e informações falaciosas a respeito desta instituição tão importante, usam métricas estatísticas e dados tais como os resultados no PISA de que a educação brasileira vai mal, geralmente referenciando a educação pública, quando isso representa apenas uma métrica do quantitativo de informações e ensino cartesiano que aquele aluno absorveu, com uma lógica capitalista de preparação para o futuro, mais próxima de uma educação bancária do que propriamente uma educação reflexiva, voltada para o bem viver, tal como a avaliação do país pelo PIB, que nada diz sobre a felicidade e bem-estar social da população. De acordo com Oliveira (2000), tentam “introjetar na esfera pública as noções de eficiência, produtividade e racionalidade inerentes à lógica capitalista”. (p. 331)

Sobrinho (2002), tem contribuído para aprofundar as discussões sobre o significado dos exames nacionais em relação à melhoria da qualidade da educação. Ele elucida que ao considerarem a objetividade e as provas estatísticas como suficientes para avaliar a educação, deixam de lado uma parte essencial da realidade que envolve valores, idiosincrasias, necessidades, habilidades, que não pode ser expressa em expressões matemáticas e estatísticas.

Fala-se muito sobre a escola pública “formar” bandidos e nela estarem maus elementos, quando o problema não está na escola, pelo contrário, ela pode vir a resgatar muitos jovens, e sim do sistema neoliberal vigente que joga grande parte da população à margem, a desesperança de entrar na rodovia capitalista e competir de igual para igual.

CONCLUSÃO

É preciso defender a educação para combatermos a voucherização da educação, jogando as crianças que precisam de educação de qualidade, ainda mais à margem, sendo submetidas a toda problemática da educação particular de má qualidade, pois há uma grande inverdade na afirmação de que basta o ensino ser pago, basta a escola ser particular, para que este seja de qualidade.

Enfim, após avaliar diversas questões concernentes à problemática da escola pública versus a escola particular, entendemos que há um conflito de interesse muito grande na escola particular, que é o interesse econômico versus as reais necessidades das crianças. A escola pública precisa resgatar seu prestígio social e entender todo o potencial que ela tem no seu corpo docente e discente, por uma sociedade mais justa e plena.

Muito se fala que o gasto público na educação brasileira é muito acima do que a de diversos outros países ricos, porém o Brasil tem população e tamanho continentais, ou seja, este tipo de análise é incompleta e enviesada. A análise mais adequada seria o cálculo de investimento por aluno e neste sentido vemos os seguintes percentuais, segundo levantamento do site da revista Exame, publicado em setembro de 2019;

De acordo com os dados, em 2016, o governo brasileiro gastou 4,2% de seu Produto Interno Bruto (PIB) em investimentos educacionais. A média da OCDE é de 3,2%.

Ao mesmo tempo, o gasto por aluno da rede pública é menos da metade do valor investido nos países desenvolvidos.

Na educação fundamental, o Brasil paga US\$ 3,8 mil por aluno enquanto a OCDE investe US\$ 8,6 mil. Já no ensino médio, o gasto nacional é de US\$ 4,1 mil, ao passo que nos países da organização o valor chega a US\$ 10 mil.

Quando ouvimos que o ensino público gasta muito e não traz resultados, entendemos, a partir da análise de alguns dados e avaliando o campo, que não passa de uma narrativa neoliberal, tentando depreciar um bem público, a fim de levar o capital dedicado a educação, a alguns “investidores” que se beneficiarão, sucateando ainda mais a educação, pois com o investimento que é feito hoje e que poderia ser repassado à iniciativa privada, seria impossível remunerar bem os professores, ter uma infraestrutura adequada, alimentação saudável, uniforme e material didático gratuito, dentre outras coisas.

No imaginário dos menos informados a escola pública privatizada se tornaria um colégio de ponta, como Bandeirantes, Porto Seguro, Dante Alighieri, dentre outros, porém verificando o valor das mensalidades destes colégios, bem como o salário de seus professores, é, sem dúvida, uma educação de qualidade, porém ela tem um custo e este é bem maior do que o governo está disposto a pagar, além disso, estes colégios tem um ou mais investidores por trás do “negócio”, que precisam lucrar em cima dele, ou seja, há uma complexidade bem maior o que é vociferado por alguns atores sociais com visão limítrofe ou interesses escusos.

Também há a problemática deste discurso no inconsciente coletivo de professores e alunos da rede pública, que convivem com um discurso neoliberal de que escola pública é sinônimo de baixa qualidade. Para as crianças e jovens é ainda pior, pois este sentimento pode causar certa desesperança e impossibilitar a construção de uma trajetória de sucesso, nos moldes apregoados pelo neoliberalismo. O conceito de inconsciente coletivo de Jung nos conta que “a hipótese do inconsciente coletivo é algo tão ousado como a suposição de que existem instintos. Podemos admitir sem hesitação que a atividade humana é em grande escala influenciada por instintos - abstração feita das motivações racionais da mente consciente”, ou seja, existe um inconsciente coletivo que pode estar sendo construído naturalmente em diversos temas coletivos e pode existir uma narrativa sendo construída por interesses específicos, frutos de narrativas capitalistas.

A escola precisa ser lugar de reflexão, onde os atores envolvidos estão em constante interação e embate de ideias, professores e alunos ensinando e aprendendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / DOCUMENTAL BÁSICO

ALPERT, Harry. **Durkheim**. México: Fundo de Cultura Económica, 1945.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes. 5ª ed. 2000. 251 p.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 48ª ed. 2005. p.213

GOMES, Marcos Antonio de Oliveira. A questão da educação pública: sinônimo de educação estatal? **Revista Espaço Acadêmico**, nº 90, novembro de 2008.

OLIVEIRA, D. A. A gestão democrática da educação no contexto da reforma do Estado. IN: FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. Â. S. (Orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2000.

NÓVOA, António (Org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento em um processo sócio histórico**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010 a. (coleção pensamento e ação na sala de aula).

PUCCI, B. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9393/96. Brasília: 1996.

SOBRINHO, J. D. **Universidade e avaliação: entre a ética e o mercado**. Florianópolis: Insular, 2002.

JUNG. C. G. (2000). **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes.

FREIRE, PAULO. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Editora Olho d'Água, 1997.

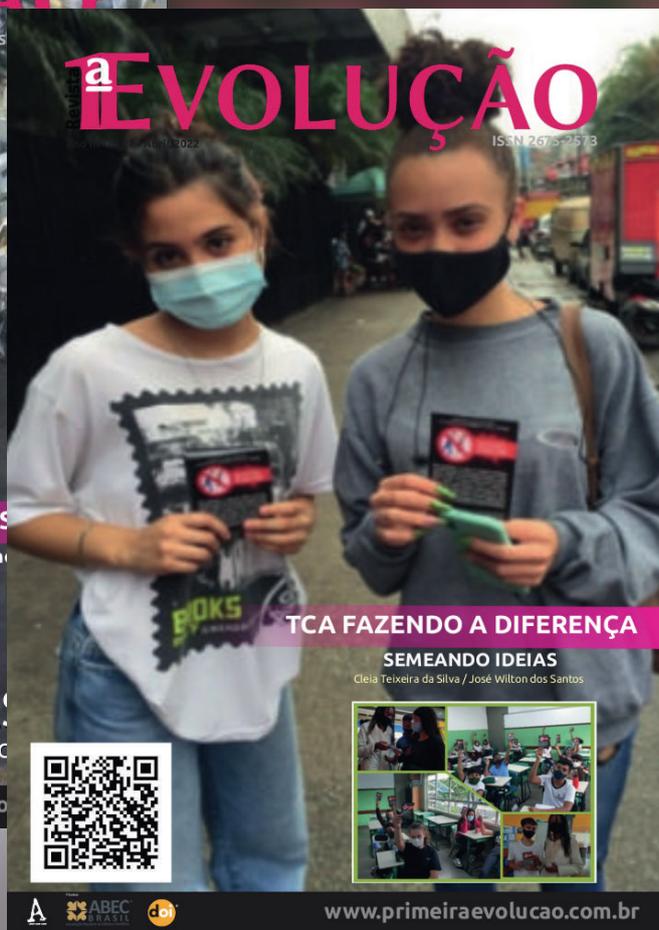
FREIRE, PAULO. **Política e Educação**. São Paulo, Cortez Editora, 1993.

<https://exame.com/brasil/brasil-gasta-por-alunos-menos-da-metade-do-que-paises-da-ocde/> Por Clara Cerioni, publicado em: 11/09/2019 às 16h50



Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP. Bacharelado e Licenciatura em Letras pela Universidade São Judas Tadeu, SP. Bacharelado em Administração PELA Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, FECAP, SP. Pós-graduação Lato Sensu em Práticas Educativas, Criatividade, Ludicidade e Jogos pela Faculdade de Educação Paulistana, FAEP, SP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



ORGANIZAÇÃO:

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Alecina do Nascimento Santos

Andreia Ferreira de Melo Faria

Fabiana Lemes da Silva

Ivan Aparecido da Silva

Maurina Pereira Coelho

Mônica Lara Marsura

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Quitéria Maria da Silva Barros

Simoni Alves Pereira Almeida

Tamires Aparecida Silva dos Santos

Tânia de Jesus Alves

Tatiana Lima Passos

Vilma Maximiano Vieira

Viviane de Cássia Araujo



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

